



Internet e a Construção das Comunidades Virtuais de Sentido¹

Higo da Silva LIMA²

Taciana de Lima BURGOS³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

O homem sempre se conduziu pela necessidade de se adaptar ao contexto no qual está inserido: livrou-se das formas mais remotas de comunicação, criou ferramentas comunicativas que lhe permitiu a socialização. Estas ferramentas tecnológicas começaram a se inter-relacionar consigo criando novas formas de relação social. A partir de sua sociabilidade sentiu a necessidade de se agrupar a outros por afinidades. Assim, começou a criar comunidades de sentido, que, com o passar do tempo, começaram a migrar para o âmbito virtual.

Palavras-chave

Avanços Tecnológicos; Internet; Comunidades de Sentido.

Introdução

A evolução humana sempre esteve ligada a uma série de transformações advindas dos meios tecnológicos: o fogo, a roda, a tipografia, o automóvel... Com a Internet não foi diferente, o espaço criado por essa mídia gerou um repertório cultural que deu origem a uma seletividade nos relacionamentos humanos, criando, portanto, as comunidades virtuais de sentido.

A interação do homem com o suporte comunicativo a qual esteve submetido, como propõe Costella, em “Comunicação: Do Grito ao Satélite” (2002), permite observa o quanto o instinto humano é movido pela ânsia da novidade e da transformação. No grito, quando nos fazíamos entender apenas por quem estava a uma distância mínima, o que intensificava a relação humana eram apenas os instintos mais primitivos. No entanto, o homem criou ferramentas que se assemelham aos seus membros; que desenvolvem atividades de extensão à humana.

¹ Trabalho apresentado na Sessão Cibercultura e tecnologias da comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UERN, e-mail: higo lima@yahoo.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UERN, e-mail: tacia naburgos@uern.br.



Neste artigo, de cunho fundamentalmente teórico e reflexivo, irão confrontar-se as idéias de alguns estudiosos sobre a relação travada entre a mídia virtual e a sociedade. É ciência que a comunicação sempre serviu como mecanismo de sobrevivência que conduziu o homem e o trouxe à Internet. Nesta formularemos uma linha psicológica canalizando os pensamentos que fundamentam a idéia: primeiro, das comunidades de sentido; segundo, da sua manifestação na esfera virtual.

História da Internet

A rede mundial de computadores surgiu no período da Guerra Fria como um mecanismo de inteligência que ligava os núcleos de pesquisas de algumas Universidades dos Estados Unidos com órgãos militares. Hoje, ela é responsável por interligar os quatro cantos do mundo: comércio, informação e entretenimento, configuram-se como as suas principais demandas utilitárias. Porém, bem antes de atingir essa dimensão, seu intuito era único e exclusivo disponibilizar uma comunicação permanente entre as universidades e a força militar americana.

De acordo com Costella (2002, p. 227), o desenvolvimento da Internet, está inserido nas grandes transformações por que passaram os diferentes setores das comunicações desde a radiodifusão até as formas mais modernas de tecnologia da informação.

O que Costella averigua tem ligação direta com a sua constante transformação. Uma vez “saída” do domínio dos militares, passada para o estado e em seguida proliferada nas Universidades, a Internet tem avançado em mecanismos e abrangência numa aceleração avassaladora. Seu caráter de metamorfose não se limita ao técnico. O acesso a Internet tem se apresentado de modo dinâmico. Sua finalidade e uso estão constantemente em transformação.

Como explica Castells, “à ação da mídia assistiu-se também à adoção de uma lógica de transformação da própria Internet com o intuito de maximizar a dimensão econômica de uma tecnologia altamente moldável pelo uso”. (*apud* CARDOSO, 2007, p. 275).

Essa transformação também se trava no âmbito de seu controle: do estatal para outra privada. No seu início, era custeada por uma economia pública, e sob uma lógica militar que visava a defesa. Em seguida passara para o domínio estatal. Um ciclo transitório que vai da Guerra Fria para a modernidade (período pós-Guerra Fria).



Para Castells (2006), a Internet é resultado da convergência de todos os tipos de mensagens (som, imagens e dados) onde todos os nós são encadeados sem a necessidade de centro de controles. A sua proliferação para a sociedade comum teve impulso significativo com a criação do serviço World Wide Web⁴ (www).

Já no Brasil o surgimento da rede deve-se, sobretudo, a iniciativas isoladas de algumas universidades e centros de pesquisa que, em 1988, já possuíam pequenas redes que as interligavam aos Estados Unidos. Em 1989, o Ministério da Cultura e Tecnologia, MCT, lança o projeto da Rede Nacional de Pesquisa, RNP, o objetivo principal é a criação de uma rede nacional no âmbito acadêmico. Em 1993, onze estados do país já se conectavam. No período de 94 a 96, dá-se início à fase II da RNP, com o intuito de ampliar a capacidade da rede. Em 1995, a infra-estrutura da RNP, antes restrita ao meio acadêmico, amplia seus serviços dando início à utilização comercial da Internet no país.

César Bolaño e Marcos Castañeda⁵ ressaltam que essa ‘privatização’ da rede, ao contrário do que ocorreu nos EUA, deu-se, no Brasil, como se fosse algo natural, sem maiores discussões sobre serviço público, universalização do serviço ou os termos que tradicionalmente animam o debate político nacional sobre comunicação. Exemplo desses debates públicos a que se referem os autores, hoje, no Brasil, é a discussão em torno da TV digital.

Em suma, essa evolução resultou no que Castells (*apud* Corrêa, 2004) conceitua como “era da informação”. O autor explica esse “fenômeno” como resultante do aperfeiçoamento da Comunicação Mediada por Computadores (CMC), que, mediada pela internet,

[...] tem alterado significativamente a organização dos sistemas sociais, políticos e econômicos [...] e de uma nova forma de estabelecimento de relações sociais por meio da rede, a sociabilidade [...]; caracterizada pela mudança na maneira de comunicar da sociedade e pela valorização crescente da informação nessa nova configuração da estrutura vigente, à medida que a circulação de informações flui a velocidades e em quantidades até então inimagináveis. Nesse contexto que possibilita a comunicação mais ágil entre os indivíduos independentemente da localização geográfica e em meio a um quadro de mudanças confusas e incontroláveis, manifesta-se uma tendência nas pessoas de se reunirem em grupos

⁴ O protocolo TCP/IP foi criado em 1989 em Genebra, na Suíça, e tinha (tem) por finalidade facilitar a busca de sites. A partir do WWW a busca é feita por conteúdo e não mais por localização, como anteriormente.

⁵ César R. S. Bolaño e Marcos V. Castañeda são, respectivamente, professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Sergipe e Bolsista do CNPq, juntos são co-autores do artigo “A Economia Política da Internet e sua Crise”.



sociais visando compartilhar interesses em comum (CASTELLS *apud* CORRÊA 2004).

Rede: sua relação com a sociedade

O homem sempre procurou formas de melhor se adaptar ao meio, uma das ferramentas mais utilizadas é a comunicação. Do grito, na gênese de nossa história quando procurávamos a melhor forma de sermos entendidos pelo indivíduo ao nosso lado; até a comunicação por satélite, quando nos fazemos perceptíveis ao indivíduo mais longe geograficamente.

Numa leitura mais minuciosa da abordagem histórica que Costella (2002) faz do avanço das comunicações, pode concluir que “inovação” é a palavra que sempre conduziu o homem. Revolucionaram-se quando sua semiótica se limitava ao desenho nas pedras, depois com a escrita, e, por conseguinte, quando saiu de sua comunidade e se expressava pela fumaça, cavalaria, telégrafo, telefone... Internet. No que parece, o homem sempre foi munido pela mutação, sempre reinventou, e criou novas finalidades às suas invenções.

Esse estopim comunicativo, segundo Eco, resultou para que hoje dispuséssemos de uma variedade de comunicações sem precedentes históricos, como também de uma possibilidade de escolha inédita entre meios aparentemente equivalentes (*apud* Cardoso, 2007, p.101.). Essa convergência de meios de comunicação é um fator representativo nas nossas relações, uma vez que compartilhamos de um mesmo ambiente de informação, e de um papel cada vez mais reflexivo como instrumento de escolha (Cardoso, 2007, p. 104). Vale ressaltar que os meios comunicativos sempre se transformaram; sempre surgiram novas formas de se comunicar, no entanto, nem uma nova mídia encobriu a anterior, como nos propõe Santaella (2003).

Como já descrito anteriormente, para surgir a idéia de uma rede mundial de computadores, primeiro foi preciso a existência do computador, que, primeiramente, surgiu apenas como mecanismo de inteligência para fins guerrilheiros, depois as universidades tomaram de conta, e, por fim (ou início!), ele se proliferou na sociedade.

Para que ela saísse do âmbito acadêmico foi preciso criar um mecanismo que interligasse todas as máquinas (a internet).

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas

formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. (CASTELLS *apud* CORRÊA, 2004).

Castells conceitua a rede como algo diretamente ligado ao relacionamento com o homem, e para que se entenda essa relação, virtualidade (Internet) *versus* realidade, prender-nos-emos a observação que Cardoso (2007) faz para as condições de uma relação desse gênero.

O primeiro passo é compreender e delimitar o que o teórico denomina *sistema de mídia*: como se relacionam as diferentes mídias, no que diz respeito à transmissão e produção de conteúdo. A Internet mostra-se como uma das mídias mais democráticas que existe. Na sua teia tem espaço para o rádio (webrádio), a Tv, e tantas outras hipermídias. Todas essas mídias, em uma só, irá nos ajudar a encontrar as *matrizes de mídia*, em outras palavras, servirão de subsídios para classificarmos-la de acordo com nossas necessidades. Num território como a Internet há espaços para todos os gostos e preferências; perfis e vontades. Por exemplo, o internauta poderá ver uma mesma notícia no formato midiático que mais lhe convém (no webrádio, em texto, ou em vídeo). Pode acompanhar tudo sobre o filme ainda não lançado, desde o *trailer*, o roteiro, notas informativas, e a trilha sonora.

Por último, Cardoso (2007) ainda apresenta a possibilidade de uma *dieta de mídia*, que consiste em como utilizaremos o material e conteúdo virtual. Esse vai desde a prática como: *downloads*, bate-papo, pesquisa em sites de busca etc.

Mas, como já vimos, o espaço virtual da Internet não surgiu com todo esse leque de opções. Assim como todas as mídias, ela também foi se adaptando a cada contexto, e, com o passar do tempo, foi criando novas ferramentas.

Pierre Levy, explica essas transformações como resultado da influência, em oposição a impacto⁶, que a sociedade exerce sob os meios midiáticos, “A ação de qualquer tecnologia, tal como a mídia não pode ser considerada exterior à cultura e, portanto, interage com uma cultura que a acolhe e a modifica desde o seu nascer” (COLOMBO *apud* CARDOSO, 2007, p. 106).

⁶ Para falar de toda essa relação entre mídia e sociedade, Cardoso (2007), apresenta em sua obra a idéia de uma “*Relação de Complementaridade*”, a qual é fundamenta com os estudos de Pierre Levy e Colombo, ambos desenvolvem o conceito com a tese de que as transformações acontecem por uma questão de reflexividade, ou seja, os meios midiáticos respondem à cultura as quais estão inseridos. Opondo-se, assim, a idéia de que os meios são um impacto à sociedade.



À Cibercultura

Em meio a essa transformação exacerbada que a Internet esteve submetida, vale ressaltar o surgimento de novas formas de agregação social.

As novas ferramentas criadas para Internet deram origem à construção de aglomerados no ambiente virtual. À formação desses grupos de afinidades Castells (2006, p.443) conceitua como uma rede de comunicação interativa que se organiza de acordo com os interesses afins dos indivíduos, mesmo que o intuito seja apenas de se comunicar.

A sociabilidade está se transformando através daquilo que alguns chamam de privatização da sociabilidade, que é a sociabilidade entre pessoas que constroem laços eletivos, que não são os que trabalham ou vivem em um mesmo lugar, que coincidem fisicamente. [...] Esta formação de redes pessoais é o que a Internet permite desenvolver mais fortemente. (CASTELLS *apud* CORRÊA, 2004).

A formação dessas comunidades se justifica pelo “fato das tecnologias provocarem novas formas de comunicação e modelos de comunicação social” (CARDOSO, 2007, p. 110). Os indivíduos se aglomeram por inúmeros fatores, principalmente porque,

O indivíduo não é obrigado a integrar determinada comunidade, a motivação é individual, é eletiva, subjetiva. Essa possibilidade de optar por traços de identificação é o que a diferencia do modelo tradicional de atribuição de identidades culturais, como o caso da identidade nacional, em que todo um povo era obrigado a aderir a determinados símbolos nacionais, como hino e bandeira, e a manter vínculos a lugares, datas comemorativas, histórias e a tradições específicas, por exemplo. (CORRÊA, 2004).

Toda essa atmosfera virtual que leva alguém a aderir determinada postura, valor, ou grupo cria uma cibercultura. Uma exemplificação clara de aglomeração virtual são os sites de relacionamentos. No Orkut, por exemplo, os membros, ao fazer sua conta, preenchem um campo de perguntas com o objetivo de formar o seu perfil. Um segundo passo, é a adesão às comunidades. Nestas os membros participam de grupos que lhes são afins, como tipo musical, preferências, gostos, aversões, simpatias... Etc.



Segundo dados da própria página do portal, 64,70% dos que mantêm uma conta estão à procura de amigos. A diferença para a segunda opção é grande, cerca de 20% estão à procura de companheiros para atividades⁷.

Para Lúcia Santaella (2003, p. 26), as tecnologias, como a Internet, e as linguagens usadas por elas têm por único objetivo individualizar a escolha do consumo.

Aos ciberespaços são atribuídos todos os relacionamentos que tenham se originados na rede mundial de computação. Esse espaço pode ser compreendido mais facilmente como um lugar de comunicação e de circulação de informação. Para Lemos,

O ciberespaço pode ser tanto o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado, de realidade virtual, como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta. O ciberespaço é o ambiente simbólico onde as comunidades virtuais se constituem. (*apud* CORRÊA, 2004).

Cardoso (2007, p.110) chama atenção para as novidades que as mídias constantemente apresentam. Essas comunidades virtuais, configurando-se como algo novo na comunicação à distância, apresentam aos internautas a ausência de um território físico. No ciberespaço tudo acontece no âmbito simbólico. O indivíduo escolhe de qual grupo quer fazer parte, de qual forma deseja participar daquela comunidade e quando deseja sair dela.

Retomando o Orkut como exemplo, o dono de uma conta, uma vez participando de uma determinada comunidade, é livre para responder os tópicos lá deixados por outros participantes; ele mesmo pode criar um tópico com a questão relacionada àquela comunidade; pode manter contato virtualmente com outros participantes; e ainda deixar de participar quando bem quiser, o que lhe prende àquele grupo é apenas a motivação.

A cibercultura permite que, virtualmente, o indivíduo se junte a outros, munidos apenas por seus interesses particulares; encontre pessoas ou produtos/conteúdos com os quais tenha uma identificação; com as quais possa expor suas idéias, discutir questões públicas... Públicas porque, como explica Corrêa (2004), as discussões são mútuas e abertas. A pesquisadora afirma ainda que no interior dessas comunidades,

⁷ Os dados são do dia 25 de janeiro de 2008. A busca foi realizada no ícone “sobre o orkut”, exibida no rodapé da página pessoal dos que mantêm conta no portal. Vale ressaltar, a título de curiosidade, que cerca de 55% das contas no orkut são brasileiras, o país que aparece em segundo lugar é a Índia, com 16,61%. Em terceiro vem os Estados Unidos, com pouco mais de 14%.



[...] devem existir elementos como solidariedade, emoção, conflito, imaginação e memória coletiva, união, identificação, comunhão, interesses comuns, interação. Do mesmo modo, para haver um convívio pacífico, também são adotadas regras de conduta denominadas *Netiqueta*⁸, havendo punição para os que desobedecerem aos valores do grupo. (2004).

Uma leitura nos fundamentos de Corrêa (2004) chama-nos atenção para um fato: embora a cibercultura esteja escancarada ao domínio público, e a adesão a um grupo virtual seja por questões subjetivas, uma visão mais minuciosa no campo da observação empírica quebra o mito de que a internet modifica o comportamento do internauta. O que ocorre, de fato, é que as pessoas se apropriam dos mecanismos da Internet e ampliam a capacidade de se comunicar e criar. A cibercultura oferece apenas a capacidade de conectar idéias, valores, - e como Corrêa apresenta logo a cima - emoções e crenças.

Comunidades Virtuais de Sentido

Diante todos os conceitos aqui apresentados, percebe-se que toda a inserção das tecnologias, tanto a sua existência como a sua transformação no âmbito social, deram origem às novas formas de relacionamento na sociedade.

O que até certo tempo acontecia norteado pelo espaço geográfico e programado pelo tempo real, agora começa a acontecer sem as barreiras físicas e num tempo psicológico. A cibercultura deu origem às Comunidades Virtuais de Sentidos. No campo simbólico, as pessoas se aglomeram uma das outras por afinidades que se afloram e se concretizam no âmbito da virtualidade; onde o espaço e o cenário são o ciberespaço.

No campo da realidade é possível falar em comunidades de roqueiros, de esqueitistas, ou até mesmo os que seguem uma linha filosófica. Todas elas compartilham dos mesmos traços de identidades. Eles se percebem pelos trajes, comportamentos, gostos e preferências. Compartilham, muitas vezes, o mesmo meio e os mesmos anseios.

⁸ *Netiqueta* é um neologismo, ou linguagem virtual, criado pelos internautas, e funciona como espécie de código de comportamento nos ciberespaço. O termo é uma fusão do sufixo “net” (de internet) e o vocábulo “etiqueta”, que de acordo com o dicionário da Língua Portuguesa (AMORA, 1999, p. 295) é o conjunto de cerimônias e regras adotadas pela sociedade; regra de conduta.



Já nas comunidades virtuais, os internautas compartilham dos espaços simbólicos e dividem uma cultura subjetiva.

Para Jeder Janotti, entende-se por Comunidades de Sentido:

Agregações de indivíduos que compartilham interesses comuns; vivenciam determinados valores, gostos e afetos; privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaço desterritorializados [...] (JANOTTI, 2003).

Os pontos de identificação dessas comunidades se dão de várias formas, quer por sites de relacionamentos; ou mesmo na busca selecionada por músicas. Como, por exemplo, o site *Leste.fm*. Nele, os internautas escolhem a música que deseja ouvir através de classificação por gênero. A página de relacionamentos do site da Canção Nova (CN) é outro exemplo da aglomeração de internautas por afinidades.

A CN é uma facção mais liberal da Igreja Católica, e tem em seu aparato comunicacional um canal de Tv aberta, um sistema de radiodifusão, material impresso e uma *home page*. Em boa parte dos casos, os integrantes do *site* de relacionamentos da CN são fies mais fervorosos do catolicismo. Na comunidade encontra-se um discurso de fé, salvação e a doutrina da Igreja. Os participantes são reconhecidos pelo seu grande fervor religioso, geralmente são jovens.

No entanto, para exemplificação da construção das Comunidades Virtuais de Sentido, deter-no-emos ao Orkut, primeiro pelo grande número de usuários; segundo, pelo fato de sua construção facilitar a exemplificação.

Na verdade, a filiação em uma comunidade de sentido está ligada à construção individual da identidade, com objetivo de encontrar um conjunto de comportamentos, pessoas afins, idéias, discussões que componham o repertório do sujeito.

A diferença é que a virtualidade proporciona um descomprometimento com a “individualidade virtual”. O internauta pode criar quantas personalidades quiser. Pode desligar-se dela quando bem lhe convier.

Em sites de relacionamentos como o Orkut, o indivíduo, personificado pela personalidade que ele compôs, pode ter o amigo que escolher. Em outras palavras, ele pode convidar alguém para fazer parte de seu rol, assim como também pode recusar um convite de amizade. Quando o site permite a participação em grupos que se afinam sobre um determinado assunto o usuário começa a denunciar sua personalidade, uma



vez que é possível detectar pontos individuais como a cor preferida, o time, a turma de Ensino Médio, estilo musical preferido e até mesmo as aversões.

As manifestações de agrupamentos são quase infinitas. Só o portal *comunidade.cn*, do sistema Canção Nova, agrupa mais de 9.000 pessoas distribuídas em mais de 40 comunidades. Esses internautas se aglomeram em grupos como “Namoro Santo”, “Missionários da Internet” etc. Já nas comunidades da CN, no Orkut, os fiem participam de aglomerados do tipo “Eu já fui a canção Nova”, “Eu assisto a Tv Canção Nova”.⁹

Como dito anteriormente, se é possível falar da existência de comunidades como a dos “roqueiros” no território físico, essa mesma comunidade de sentido existe no campo virtual. Mas, nas comunidades virtuais, o seu repertório simbólico vai muito mais além. No orkut, por exemplo, eles compartilham músicas, épocas, comportamentos, gostos, e, contudo, são aglomerados por gênero, faixa etária, e estilo. Na virtualidade, a tendência é um maior afunilamento das comunidades, como “Mulheres que adoram Rock” e outras tantas¹⁰.

Vale ressaltar que manipular qualquer mecanismo oferecido pelas tecnologias está ligado à motivação do seu usuário. No caso da Internet, seu domínio é de competência do internauta. Logo, pressupomos que sozinha a Internet não cria nem uma comunidade de sentido. Como mostra Corrêa (2004), ela apenas potencializa o contato social, mas a existência de uma relação social quer no campo virtual ou não, depende do internauta.

As pessoas se aglomeram por afinidades, contudo, afinidades, no campo virtual, são reflexos da realidade. Pode-se afirmar que a Internet não cria realidades, ela apenas simula e, assim, acaba construindo a sua própria realidade.

Assim, cibercultura, na verdade, é a cultura do real simulada pela virtualidade. Casttel (2006, p. 459) diz que “o novo sistema de comunicação organizado pela comunicação eletrônica [...] não é à indução a realidade virtual, mas a construção da realidade virtual”.

Ciberespaço, Cibercultura e Comunidades Virtuais de Sentido

Mesmo tendo sido confrontado e mostrado a cima, vale esclarecer aqui o limite que demarca cada conceito desses. Embora muitas vezes estreito, o conceito que norteia

⁹ Os números foram coletados na página de relacionamentos da Canção Nova na Internet. Os dados foram consultados no dia 27 de janeiro de 2008. *Consulte o site na bibliografia.*

¹⁰ A pesquisa por comunidades foi feita pela busca da palavra “rock” na ferramenta de “pesquisa” que o site oferece. Consulta realizada no dia 27 de janeiro de 2008.



cada uma dessas nomenclaturas nos ajuda a construir o campo lingüístico e semântico dos estudos da tecnologia com a sociedade. Eles se complementam e são fundamentais pra existência do fenômeno que lhe procede e do que lhe antecede.

Por ciberespaço compreende-se toda localização onde acontece e se manifesta a cultura da Internet. Cabe aqui o conceito de Costella (2002, p. 234) que atribui ao ciberespaço “o espaço virtual no qual circulam as informações transmitidas pela Internet”.

[...] a cultura contemporânea passa a ser caracterizada pelo uso crescente de tecnologias digitais, cria-se uma nova relação entre a técnica e a vida social e, ao mesmo tempo, proporciona o surgimento de novas formas de agregação social de maneira espontânea no ambiente virtual, com práticas culturais específicas que constitui a chamada cibercultura. (CORRÊA, 2004)

Essas práticas culturais específicas de que fala Corrêa são responsáveis por uma nova realidade, na qual os limites espaciais, a noção de tempo e o campo geográfico já não são mais tão significativos, uma vez que a própria rede se encarrega desses pontos.

E é justamente na cultura da virtualidade que se encontram o artifício ao qual se apóia as comunidades de sentido. Na verdade, a cultura virtual permite um leque muito maior de possibilidades, de escolhas. Essa grande quantidade de opções que o indivíduo tem na hora da “escolha” da comunidade a qual fará parte é o que compõe sua identidade. Janotti (2003) explica que a adesão a um grupo resulta no reflexo de seus gostos e valores.

Assim, a cibercultura reflete a realidade concreta, a palpável. Essa se responsabiliza em investir em determinados valores, aos quais as comunidades virtuais de sentido encontram sua base simbólica.

Considerações finais

A partir das considerações apresentadas, constatamos que há uma relação mútua no que tange o avanço tecnológico e as manifestações nas formas de relação social a que o indivíduo está submetido.



Na verdade, este jogo de mão dupla, depende diretamente um do outro. As comunidades virtuais de sentido existem porque na sua contra mão tem uma sociedade que se disponibiliza a compartilhar de uma cultura virtual, de dar vida à cibercultura.

Quebra-se aqui o mito da malevolência da internet. Mesmo não negando a concepção de que a rede altera o meio social, todo o conteúdo virtualmente reproduzido tem como fonte insaciável indivíduos que compactuam consigo. A rede apenas funciona como suporte de gostos, valores e comportamento de indivíduos reais.

Assim, mesmo fazendo parte, virtualmente, de uma comunidade de sentido escolhida de acordo com suas afinidades, as pessoas se apropriam das tecnologias disponíveis (na rede) para terem sua relação mediada, contudo, pode-se atribuir à rede o caráter de potencializadora do contato social.

Referências

- CARDOSO, Augusto. **A Mídia na sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CORRÊA, Cynthia H. Watanabe. **Comunidades Virtuais Gerando Identidades na Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/cyntia1.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2008.
- COSTELLA, Antônio F. **Comunicação: do grito ao satélite**. 5 ed. rev. e atual. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2002.
- ETIQUETA. In: AMORA, Antonio Soares. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 6 ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 295.
- JANOTTI JR, Jeder. Mídia e Cultura Juvenil: das comunidades de sentido e dos grupamentos urbanos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 12, 2003, Recife. **Anais...**, Recife: Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2003. 1 CD.Rom.
- SANTAELLA, Lúcia. Da Cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, RS, n. 22, p. 23-31, set./dez. 2003.